



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS**

GABRIELA CAYE SANTOS

O deus de Saramago: a dessacralização e os efeitos da humanização em Caim

Florianópolis

2025

GABRIELA CAYE SANTOS

O deus de Saramago: a dessacralização e os efeitos da humanização em Caim

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras — Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel(a) em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Dra Prof.(a) Luana Barossi

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela
BU/UFSC. Dados inseridos pelo próprio autor.

Santos, Gabriela

O deus de Saramago: a dessacralização e os efeitos da humanização em Caim / Gabriela Santos; orientadora, Luana Barossi, 2025.

47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Literatura. 3. Humanização. 4. Polarização. 5. Personagens Sacras. I. Barossi, Luana. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

Nome completo do(a) autor(a)

Gabriela Caye Santos

Título: O deus de Saramago: a dessacralização e os efeitos da humanização em Caim

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharelado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras Língua Portuguesa

Florianópolis, 28 de Novembro de 2025.

Insira neste espaço
a assinatura

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Luana Barossi, Dr.(a)

Orientador(a)

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Bianca Rosina Mattia, Dr.(a)

Pesquisadora Independente

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. André Cechinel, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2025

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, quero agradecer aos professores do curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina por contribuírem em minha formação, tanto como profissional de Letras, mas como pessoa, pois a bagagem que adquiri aqui, fez com que eu compreendesse e lesse o mundo de uma forma completamente diferente, que enxergasse, através da literatura e da arte, com uma nova ótica a nossa sociedade, lembrando que a arte nunca está descolada do seu meio.

Além disso, as disciplinas de linguística do curso, somadas às horas complementares, auxiliaram significativamente para desenvolver o ofício de Redatora, profissão que exerço hoje, que me enriquece diariamente. Mostrando para a criança subjugada que o sonho de trabalhar com leitura e escrita é real, que mesmo com todas as dificuldades passadas, cheguei aqui.

Agradeço aos meus amigos, a Rafaela, o Alexandre e o Esdras, que estiveram comigo desde o início dessa trajetória, desde o ensino médio, acompanharam a realização de um sonho que foi ingressar numa Universidade Federal. Esses guardo com um carinho imenso, espero que possamos comemorar esta e muitas outras vitórias nossas juntos.

Além disso, aos amigos que encontrei nessa Odisseia que foi curso de letras: João Victor, Thaís, Matheus, Pedro, Fernanda e muitos outros. Vocês foram peças fundamentais para eu chegar nessa etapa, desde contribuições acadêmicas até conselhos de amigos e desabafos cotidianos. Cada momento com vocês me levou para novas constatações, sem desistir e enfrentando o medo de cabeça erguida.

Também dedico aos meus familiares, muitos deles lá na Bahia, que acompanharam e me incentivaram nessa etapa tão importante da minha vida e, mesmo que distante, guardo todos eles no meu coração; minha querida madrinha Glória, minhas tias Eduarda, Binha e Matilde, bem como meu pai. Além do mais, não esqueço da importância e do incentivo de meus familiares que estão no Rio Grande do Sul, em especial, minha madrinha e meu padrasto.

Acima de tudo, agradeço à minha mãe e ao meu irmão, que, mesmo fora do padrão considerado como “família”, não consigo me ver em outra, seja em um cenário hipotético. São as duas pessoas mais importantes e fundamentais da minha

vida, mesmo com todas as animosidades, sempre fomos nós três, e mesmo distantes, sempre será nós três.

E por fim, deixo esse parágrafo dedicado à pessoa mais importante da minha vida: minha mãe, a mulher que me orientou a seguir o caminho íntegro, justo e alinhado com o que me inspira e encanta como indivíduo. Que sempre acreditou no meu potencial — mesmo que por muitas vezes eu duvidasse dele. Ela me incentivou a ler desde muito cedo, na juventude, fez com que eu gostasse de assuntos como sociedade e política. Neste ponto, foi meu ponto de partida nessa curiosidade de buscar enxergar o mundo para além de binarismos, de que precisamos olhar e entender como nossa sociedade é complexa e repleta de injustiças, mas que precisamos dar nomes aos nossos algozes e processos que subjugam nossa existência. Então, esse trabalho de conclusão de curso e, futuramente, o diploma, será uma conquista nossa. De um sonho de cursar uma graduação, foi tirado de você, dedico-lhe esse último passo desse nosso sonho compartilhado.

“[...] Então o senhor é capaz de tudo, do bom, do mau e do pior, Assim é, Se tu tivesses desobedecido à ordem, que sucederia, perguntou isaac, O costume do senhor é mandar a ruína, ou uma doença, a quem lhe falhou, Então o senhor é rancoroso, Acho que sim, respondeu abraão[...]”. (Saramago, 2009, p. 82)

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a humanização de personagens bíblicas e como, a partir desse processo, é possível construir um olhar pautado na ruptura de uma visão de mundo binária e polarizada — uma perspectiva simplista que anula as complexidades e incongruências inerentes à condição humana. O objeto de análise deste estudo é a representação das personagens sacras na obra *Caim*, do escritor português José Saramago. Ao investigar como Saramago reinterpreta figuras bíblicas em suas narrativas, como Deus e Caim, busca-se compreender de que modo o autor desafia não apenas as narrativas tradicionais, mas também a polarização política e religiosa que frequentemente acompanha esses discursos. Por meio da análise das técnicas narrativas empregadas, pretende-se identificar como Saramago humaniza figuras historicamente divinizadas, tornando-as mais acessíveis e complexas para o leitor contemporâneo. A partir dessa leitura, serão evidenciados elementos que revelam a ruptura do véu da desumanização e da lógica dualista entre bem e mal, destacando como o autor promove uma visão mais inclusiva e pluralista do mundo.

Palavras-chave: Humanização, Polarização, Personagens Sacras, José Saramago, Caim.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the humanization of biblical characters and how, from this process, it is possible to construct a perspective based on the rupture of a binary and polarized worldview — a simplistic perspective that nullifies the complexities and incongruities inherent to the human condition. The object of analysis in this study is the representation of sacred characters in the work *Cain*, by the Portuguese writer José Saramago. By investigating how Saramago reinterprets biblical figures in his narratives, such as God and Cain, the aim is to understand how the author challenges not only traditional narratives but also the political and religious polarization that often accompanies these discourses. Through the analysis of the narrative techniques employed, the aim is to identify how Saramago humanizes historically deified figures, making them more accessible and complex for the contemporary reader. From this reading, elements will be highlighted that reveal the breaking of the veil of dehumanization and the dualistic logic between good and evil, emphasizing how the author promotes a more inclusive and pluralistic view of the world.

Keywords: Humanization, Polarization, Sacred Characters, José Saramago, Cain.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	ABORDAGEM TEÓRICA	16
1.1.1	Humanização e Dessacralização	17
2	JOSÉ SARAMAGO	21
2.1	SOBRE O AUTOR	21
2.1.1	José Saramago e o dogma cristão	23
3	A DESSACRALIZAÇÃO E A HUMANIZAÇÃO DA OBRA CAIM	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

A questão central desta pesquisa é investigar como a obra Caim, através da sua releitura de eventos do antigo testamento e personagens bíblicos, atua como uma crítica contundente ao maniqueísmo e à dicotomia simplista de bem e mal, estruturas de pensamento historicamente enraizadas no dogma judaico-cristão. Através de sua narrativa subversiva, o autor propõe uma perspectiva crítica e uma alternativa que ultrapassa as concepções maniqueístas de bem e mal.

O objetivo deste estudo é investigar como a narrativa saramaguiana incorpora o recurso da humanização das suas personagens provenientes de narrativas sacras – que, originalmente, são colocadas em uma lógica binária. Entretanto, na sua paródia crítica, Saramago aproxima estes personagens à experiência do sujeito mundano, desafiando e complexificando as representações simplistas, de forma a abrir caminho para a desconstrução do binarismo constituído de bem e mal.

Logo, quando são atribuídas, às suas personagens, sentimentos, dúvidas, questionamentos e incoerências tipicamente comuns do comportamento humano (em personagens sacralizados), Saramago desvirtua a polarização judaico-cristã ao humanizar figuras estereotipadas como “Eva”, “Caim”, “Abraão”, “Isaac”, “Abel”, “Adão” e, principalmente, “Deus”. Ele contribui para proporcionar uma leitura alternativa, e, a partir dessa releitura, é possível refletir a respeito da fragilidade das noções de bondade e maldade quando o fator humano é inserido, até mesmo como um fator para desconstrução de discursos polarizados.

1.1 ABORDAGEM TEÓRICA

A metodologia adotada para esta pesquisa consiste em um estudo interpretativo e comparativo, com base no método da Literatura Comparada de Julia Kristeva, que se pautará na análise intertextual da versão paródica do livro 'Caim', de José Saramago, em comparação com passagens do Antigo Testamento. O objetivo central é traçar distinções e subversões e, a partir disso, serão comparadas ambas as narrativas e como tais personagens são representadas.

Após a análise intertextual/comparativa entre alguns personagens apresentados na Bíblia (especialmente em Gênesis e o Livro de Jó) e na obra Caim, de José Saramago, traçaremos como o autor português desfaz a dicotomia

maniqueísta ao atribuir características humanas às suas personagens e, como através dessa humanização, é possível ter um vislumbre de uma “solução” para lógicas polarizadas, que por sua vez são desumanizantes. A proposta é apresentar um estudo inicial sobre como a humanização pode provocar quebras com o binarismo religioso e até mesmo com o binarismo político, trazendo, assim, uma interface entre a literatura e a sociedade.

Para facilitar a leitura, este trabalho será dividido da seguinte forma: primeiro, a apresentação de um panorama a respeito de José Saramago e as relações religiosas presentes em sua obra; em sequência, será realizada a análise da narrativa de Caim e sua comparação com a obra bíblica (em especial as passagens de Gênesis e Livro de Jó) com ênfase na ruptura do maniqueísmo feita pelo escritor português; e por fim, o desdobramento final, onde serão elucidados como a humanização pode funcionar como possível ferramenta para romper discursos polarizados.

Vale ressaltar que este estudo contará com o apoio de textos e estudos produzidos por referências da área da teologia, literatura portuguesa, literatura e sociedade e filosofia.

1.1.1. Humanização e Dessacralização

Antes de adentrarmos efetivamente na análise, cabe explicitar o que este estudo busca quando se fala em humanização e como José Saramago articula o conceito em sua narrativa ficcional. Neste ponto, trabalharemos duas definições: do *homo religiosus* trabalhado por Mircea Eliade, e a humanização a partir do existencialismo sartreano.

Em sua obra, *Mito e Realidade*, Mircea Eliade postula que: “Para o homo religiosus, o essencial precede a existência. Isso é verdadeiro tanto para o homem de sociedades “primitivas” [sic] e orientais como para o judeu, o cristão e o muçumano” (Eliade, 1972, p. 68). Ou seja, as figuras sacras e seus papéis são pré-definidos e imutáveis por uma essência divina, conferindo-lhes uma natureza polarizada em bem absoluto ou mal absoluto.

Em *Caim*, José Saramago tensiona exatamente essa visão essencialista apresentada por Eliade. Se, para o *homo religiosus*, o sagrado possui uma essência anterior e superior à existência, na qual o divino se manifesta como princípio

ordenador e absoluto, Saramago altera essa hierarquia ao situar as figuras bíblicas dentro do campo da experiência humana, ou seja, sujeitas ao tempo, à dúvida e ao erro.

A partir do apontamento de Eliade: o mito como um retorno ao tempo primordial, onde as ações divinas conferem sentido e estrutura à realidade; Saramago faz uma recusa dessa sacralização da origem. Em *Caim*, o mito é reescrito por meio da ótica da imperfeição e da crítica. Essa divindade que antes encarnava a plenitude do bem revela-se contraditório, parcial e, por vezes, cruel. Um ser atravessado pela mesma incompletude que marca os humanos. Caim, por sua vez, deixa de ser o símbolo absoluto do mal e passa a representar a consciência que questiona o poder e a moralidade divina.

Nesse movimento, Saramago promove uma espécie de dessacralização do mito no sentido apontado por Eliade. A narrativa saramaguiana, ao reconfigurar o espaço do sagrado, transforma o mito em matéria literária e filosófica de contestação, abrindo margem para uma leitura que valoriza a dúvida e a liberdade como dimensões constitutivas da condição humana.

Assim, *Caim* pode ser lido como um diálogo crítico com a própria noção de *homo religiosus*: se, em Eliade, o homem busca o retorno ao sagrado para reencontrar um sentido absoluto, em Saramago, é justamente ao romper com essa busca que o homem se reconhece como sujeito histórico e ético, capaz de pensar o divino não como origem incontestável, mas como espelho de sua própria humanidade.

A partir dessa concepção de Mircea Eliade, percebe-se que o sagrado, em sua estrutura simbólica, ancora-se na crença de uma essência anterior à existência, uma ordem transcendente que confere sentido e legitimidade à experiência humana. No entanto, é justamente contra essa lógica que o pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre se insurge. Se para Eliade o ser humano reencontra sua identidade ao retornar ao tempo mítico e repetir o gesto dos deuses, para Sartre o homem só se realiza na invenção de si mesmo, no ato de existir antes de ser. Essa passagem de uma ontologia essencialista para uma ontologia da liberdade marca uma ruptura decisiva: o sentido não é herdado, mas construído. É nesse lugar que a obra *Caim*, de José Saramago, se inscreve, ao reconfigurar figuras sagradas dentro de uma narrativa que privilegia a experiência humana e o exercício da escolha sobre qualquer predestinação divina.

A humanização, para Sartre, baseia-se na máxima de que “a existência precede a essência” (Sartre, 1978, p. 5): o ser humano está em constante construção, definindo-se por suas escolhas, ações e angústias. Essa afirmação de Sartre é o núcleo de seu pensamento existencialista e representa uma virada profunda na forma de compreender o ser humano. O que ele quer dizer, em termos simples, é que o ser humano não nasce com uma natureza pré-definida, um “destino” ou um conjunto de características essenciais que determinam quem ele será. Ao contrário, o ser humano primeiro existe, é lançado no mundo, e só depois, por meio de suas escolhas, ações e relações, constrói a própria essência, ou seja, aquilo que o define.

Para Sartre, diferentemente de um objeto (como uma cadeira, que é fabricada segundo um propósito já concebido), o ser humano é um projeto em aberto. Não há um “molde” anterior à sua existência. Essa liberdade implica tanto uma potência quanto uma responsabilidade: somos inteiramente responsáveis por aquilo que nos tornamos. Nossas decisões e omissões nos constituem, e não há um fundamento externo como Deus, natureza ou moral universal que nos diga quem devemos ser. Essa concepção se relaciona profundamente com o processo de humanização, porque, ao reconhecer que o ser humano é sujeito de sua própria construção, Sartre afirma também a possibilidade de transformação. A humanização, nesse sentido, não é algo dado, mas algo feito, ou seja, um movimento contínuo de tornar-se, de criar sentido para a própria vida e para o mundo que nos cerca. Humanizar-se é, portanto, assumir a liberdade de existir de modo autêntico, recusando-se a ser reduzido a rótulos, essências fixas ou papéis impostos.

Ao afirmar que “a existência precede a essência”, Sartre propõe que o ser humano não possui uma natureza imutável ou um destino traçado de antemão, mas constrói sua essência a partir das escolhas que faz ao longo da vida. Essa perspectiva rompe com a ideia de uma essência divina ou transcendental que determina o que o homem é, e coloca no centro da reflexão a liberdade e a responsabilidade individuais. Nesse sentido, a dessacralização das personagens bíblicas promovida por José Saramago em *Caim* pode ser compreendida como uma forma de humanização sartreana: ao retirar essas figuras de sua condição de seres absolutos, perfeitos e essencialmente definidos, o autor as insere no terreno da existência concreta, onde estão sujeitas à dúvida, ao erro e à contingência.

Essa transformação do divino para o humano obriga as personagens (e o leitor) a confrontar a liberdade e a angústia que ela acarreta. Deus, Caim e Eva deixam de ser arquétipos estáticos e passam a ser sujeitos em processo, movidos por decisões, contradições e limites. Assim, Saramago, ao modo de Sartre, revela que a humanidade não é algo dado, mas algo que se faz: um constante exercício de escolha e responsabilidade. Através dessa operação literária, o autor português desmonta a lógica binária entre o sagrado e o profano, o bem e o mal, e propõe uma leitura mais plural e complexa do humano. Uma leitura que, ao mesmo tempo, questiona o poder das narrativas absolutas e reafirma a liberdade como condição essencial da existência.

A contraposição entre Mircea Eliade e Jean-Paul Sartre revela-se, portanto, essencial para compreender o gesto literário e filosófico de José Saramago em *Caim*. Enquanto Eliade concebe o *homo religiosus* como aquele que busca no sagrado uma essência anterior à existência, ou seja, uma ordem transcendental que legitima e estrutura o mundo, Sartre desloca o eixo da reflexão ao afirmar que “a existência precede a essência”. Essa inversão filosófica desestabiliza o fundamento do sagrado e reposiciona o humano como criador de sentido. Não é mais o divino que define o homem, mas o homem que, por meio de suas escolhas e responsabilidades, constrói o próprio significado de existir.

É justamente essa inversão que Saramago encena em *Caim*. Ao dessacralizar as figuras bíblicas, o autor não nega o mito, mas o reinventa, deslocando-o do campo da transcendência para o da experiência humana. Deus, Caim e Eva deixam de ser arquétipos fixos e tornam-se sujeitos que vivem, erram e se contradizem. Dessa forma, Saramago aproxima-se de Sartre ao afirmar a liberdade como princípio da humanização. *Caim* não busca o retorno ao tempo sagrado de Eliade, mas revela o tempo humano, marcado pela finitude e pela escolha. Ao expor o drama da existência, o autor português rompe com a lógica binária do sagrado e do profano e propõe uma leitura em que o homem se torna o próprio artífice de si, criador de sentido, e não criatura determinada por uma essência anterior.

2. JOSÉ SARAMAGO

Partimos, aqui, da noção fundamentada por Antônio Candido (2006), de que as vivências e o contexto sociopolítico em que um autor está inserido interferem na sua composição artística. Desta forma, este capítulo está destinado a apresentar brevemente a vida e obra do escritor português, subdividido da seguinte forma: um breve resumo biográfico; a relação Saramago com o cristianismo, focado em explicitar como o autor trabalha a humanização em suas narrativas, em especial, nas obras onde o locus central está na crítica ao dogma cristão.

2.1. SOBRE O AUTOR

Segundo informações fornecidas pela Fundação José Saramago (2025), o autor nasceu em um pequeno vilarejo em Azinhaga, área rural de Portugal, ao final de 1922. Quando jovem, era aluno destaque pois na segunda classe já escrevia sem erros de ortografia, além de realizar a terceira e a quarta classes em apenas um ano e tendo frequentado o liceu por dois anos. Contudo, por ser de família humilde, não pode continuar no liceu, restando como alternativa entrar em um colégio de ensino profissional, onde desenvolveu aptidão para o ofício de serralheiro, profissão que exerceu durante dois anos, após concluir o curso.

Mesmo neste novo ambiente escolar, ainda tinha contato com matérias de Francês e Literatura, mas de acordo com sua biografia, a aproximação efetiva com o ofício da escrita, foi através de livros escolares de Português com os quais desenvolveu ainda mais suas competências literárias.

Em 1947, o autor publicou seu primeiro romance “Terra do Pecado”. Mesmo com essa primeira publicação em 1947, José Saramago não teve tanta notoriedade no mundo literário. Após a publicação desta primeira obra, Saramago ficou em um jejum literário de 19 anos, e retornou em 1966 com a publicação de “Os poemas possíveis”.

Ao final dos anos 50 teve sua reaproximação com o mundo das letras, ao começar à trabalhar como responsável pela produção, em uma editora nos Estúdios Cor. Neste novo ofício, o autor teve um grande contato com outros nomes do mundo literário português da época. Nos anos seguintes, para complementar sua renda, Saramago também se dedicou ao trabalho de tradutor de grandes autores como:

Guy de Maupassant, Colette, Baudelaire, Tolstoi, entre outros. Bem como atuou como crítico, entre 1967 até 1968 (Fundação José Saramago, 2025).

Nos anos 70, Saramago seguiu trabalhando no mercado editorial, com passagens pelo Diário de Lisboa, por exemplo. E, precisamente em 1974, o autor publicou diversos textos. No ano seguinte foi diretor adjunto do Diário de Notícias, mas por conta das circunstâncias políticas e militares que Portugal se encontrava na época, e, também por isso, passou a dedicar-se exclusivamente à prática da escrita.

Na década seguinte, o autor retornou a publicar seus romances ficcionais, sendo eles: Memorial do convento (1982); o Ano da Morte de Ricardo Reis (1984); Jangada de Pedra (1986) e a História do Cerco de Lisboa (1989). Já nos anos 90, o autor lançou O evangelho Segundo Jesus Cristo (1991), seguido pelo Ensaio sobre a Cegueira (1995) e Todos os Nomes (1997). Este foi o momento em que José Saramago atingiu sua notoriedade como escritor, conquistando uma série de prêmios, especialmente o Prêmio Nobel de literatura em 1998 e o Prêmio Camões em 1995. Dos anos 2000 até 2010 (ano de sua morte), foram publicadas 7 obras, sendo elas respectivamente: O homem duplicado (2002), Ensaio sobre a lucidez (2004), As intermitências da morte (2005), As pequenas memórias (2008), A viagem do elefante (2008) e Caim (2009).

Existem dois acontecimentos da vida de Saramago que são extremamente relevantes para esta pesquisa, sendo estes: a saída de Saramago e de sua esposa Pilar de Portugal para à Lanzarote na Espanha, e uma das críticas recebidas após o lançamento de Caim. Dois momentos que colocam em evidência o caráter político-religioso de Portugal – lembrando que estamos falando de um país com fortes influências culturais do cristianismo e, mais especificamente, do catolicismo.

Em resumo, a saída de Saramago do seu país natal foi em decorrência da obra *O evangelho Segundo Jesus Cristo*, que foi impedida de participar do Prêmio Literário Europeu de 1991 pelo Subsecretário de Estado Sousa Lara (Esquerda, 2010), por não estar de acordo com a moral cristã ao representar Jesus Cristo e as figuras que o cercam como humanos. Após esse incidente, o autor rebateu “ao propor dois novos direitos à Declaração Universal dos Direitos Humanos: o direito à dissidência e à heresia” (2010).

O segundo acontecimento, é justamente o lançamento da obra central deste estudo, Caim (2009), que por sua vez foi duramente criticada, como, por exemplo, a crítica feita pelo eurodeputado do PSD na época, Mário David, que se considera

católico não-praticante, alegando que: “Saramago devia renunciar à nacionalidade portuguesa” (Livraria da Folha, 2009).

Esses dois pontos, demonstram um caráter hostil de Portugal com obras que, de alguma forma, afrontam narrativas judaico-cristãs, seja por meio da sátira ou da crítica explícita. Ou seja, o caso de Saramago demonstra que mesmo um governo que se intitula como democrático é capaz de censurar e retaliar um autor que apenas aponta sua crítica e dissidência ao aparato religioso. Quando questionado quanto a isso, em entrevista à Folha de São Paulo, o próprio autor aponta: “Como é possível proibir um livro em uma situação supostamente democrática?” (Saramago, Uol, 2008) – salientando que estamos falando de um país que nos anos 90 já não vivia mais a ditadura Salazarista.

2.1.1 José Saramago e o dogma cristão

Quando se analisa a obra de José Saramago, nota-se a presença e recorrência da temática sacra para dar luz às incongruências das narrativas divinas, bem como realizar sua crítica ao dogma cristão. De acordo com Salma Ferraz, em seu livro *As faces de Deus na obra de um Ateu*, a crítica de Saramago aos dogmas religiosos perpassa pela obra do autor:

Em *Levantado do Chão* (1982), *A Jangada de Pedra* (1986), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1989), a paródia, a ironia e a crítica às figuras de Deus, de Cristo, de episódios do Velho e Novo Testamento, bem como de sentenças importantes da Bíblia, da Igreja Católica e dos milagres estão presentes. Ou seja, em livros anteriores ao *Memorial do Convento*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim* a temática religiosa em suas várias nuances que apontam direta ou indiretamente para Deus já era uma constante na obra do autor. (Ferraz, 2012, p. 26)

Ou seja, há várias passagens nas obras do escritor português, algumas delas em que o núcleo central da narrativa não está em torno da temática sacra, que colocam em evidência essa recorrência da crítica religiosa. É o que acontece em *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984), onde vemos a presença de sua crítica voltada a Deus, especialmente em: “(...) Deus é o administrador do futuro e não dá parte das suas intenções a jeito de nos precavermos, ou é mau gerente desse capital, como se desconfia, pois nem o seu próprio destino foi capaz de prever...” (Saramago, 1989, p. 175). Nessa passagem, vemos uma crítica voltada à falta de onisciência,

próximo da figura central do catolicismo, quando a personagem questiona a falta de ingerência da divindade.

Um outro trecho de um romance saramaguiano que não incorpora a temática sacra na narrativa é no romance *Levantado do Chão*, em que o narrador afirma o seguinte:

A prova de que Deus não existe é não ter feito os homens carneiros, para comerem ervas dos valados, ou porcos, para a bolota. E se mesmo assim bolotas e ervas comem, não podem fazer o sossego, porque lá estão o guarda e a guarda, de olho fito e espingarda fácil. (Saramago, 1993, p. 79)

Nesta passagem, Ferraz (1997) destaca que o narrador alega abertamente que Deus não existe, pois submeteu homens a condições um pouco melhores que os porcos e os carneiros. Em outras palavras, contextualizando com o romance, como pode um mesmo Deus submeter várias famílias em condições precárias por gerações, em detrimento de uma elite, nesse caso os guardas.

Quando se adentra as obras em que José Saramago traz diretamente a temática religiosa, seja através da intertextualidade direta como em *O evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, ou quando trabalha o dogma religioso através do contexto como no *Memorial do Convento*, a crítica do autor torna-se mais evidente, quase como o *leitmotiv* dessas narrativas. Em *Caim*, como veremos mais à frente, o autor desdobra sua afronta já no primeiro parágrafo da narrativa, quando no momento em que deus¹ cria o casal edênico e vê-los sem falas, o mesmo fica irado, mas sem ter alguém para depositar sua ira:

Quando o senhor, também conhecido como deus, se apercebeu de que a adão e eva, perfeitos em tudo o que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra da boca nem emitiam ao menos um simples som primário que fosse, teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia mais ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta. (Saramago, 2009, p. 9)

Já no ponto inicial da narrativa, é possível vislumbrar a capacidade errônea da divindade que comumente é associada à perfeição, bem como seu caráter teimoso de querer depositar sua raiva em outrem. Além disso, outro comportamento que Saramago expõe deste deus, é a sua constante tentativa, quase como um

¹ Para este trabalho foi optado por incorporar a grafia de deus quando se tratar da personagem do romance *Caim*, para ficar mais claro o contraste com o Deus bíblico.

experimento científico, de querer por à prova aquilo que foi criado por ele, algo que o próprio Caim questiona após o assassinato de Abel:

Quis pôr-te à prova, E tu quem tu és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim e de minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse abel quando estava na tua mão evitá-lo. (Saramago, 2009, p. 34)

Esta passagem, além de colocar em debate a capacidade de onisciência e onipotência da divindade, é um diálogo que deixa claro outro fator do seu comportamento, que é um deus orgulhoso e possessivo, que lida com a humanidade como se fossem cobaias.

Vale ressaltar que esse comportamento experimental de deus se repete ao longo da narrativa, como na passagem de Abraão ao quase sacrificar seu filho a pedido de Deus para provar sua devoção. Após os anjos contarem para Caim sobre a aposta entre satã e deus sobre o Job, um homem rico e profundamente devoto ao senhor.

Assim como acontece em *Caim*, em o *O evangelho segundo Jesus Cristo*, vemos um deus que, da mesma forma, instrumentaliza os humanos a seu bel-prazer, especialmente neste diálogo entre Jesus e deus:

Serás a colher que eu mergulharei na humanidade para a retirar cheia de homens que acreditarão no deus novo em que me vou tornar, Cheia de homens, para os devorares, Não precisa que eu o devore, quem a si mesmo se devorará. (Saramago, 1992, p. 372)

Mesmo em narrativas diferentes, mas que compartilham do mesmo plano intertextual, a bíblia em seu Antigo e Novo testamento, vemos o deus saramaguiano que trata os humanos como meros experimentos.

Esse padrão de crítica ao catolicismo que o escritor incorpora em vários de seus romances levanta até mesmo a questão se de fato ele era um ateu. Para essa pergunta vale destacar a afirmação do cientista romeno Mircea Eliade: “[...] o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos” (Eliade, 1992, p. 98).

Logo, a pessoa não-religiosa é exposta em algum grau à lógica cristã, visto que, é inegável o conhecimento de Saramago do dogma católico. Especialmente quando se fala no contexto de uma pessoa nascida em Portugal, como é o caso de

José Saramago. Inclusive, o autor português afirma que não teve uma educação religiosa em nenhum momento de sua vida e, com isso, nunca teve uma crise religiosa (Reis, 1998, p. 145).

Vale ressaltar que, quando questionado por um crítico sobre Deus ser um tema fundamental de sua obra, o escritor português afirmou: “Então, quando eu digo que sou ateu é com grande ressalva e dizendo sempre que tenho, evidentemente, uma mentalidade cristã, não posso ter outra mentalidade senão essa” (Reis, 1998, p. 142).

Há um fator externo ao qual o próprio autor não pode fugir: é o fato de ele ter nascido em um país que historicamente têm o catolicismo enraizado na sua cultura, tendo-se agravado ainda mais durante a ditadura Salazarista (1933 até 1974). Nesse momento, em específico, o salazarismo encontrou na igreja católica um aliado fundamental para legitimar o regime, conforme afirma Carvalho (2024). O Estado Novo via a igreja como um aliado importante na manutenção do poder e na promoção de valores conservadores. Inclusive, de acordo com a autora, a área que a Igreja mais exerceu sua influência durante o regime, foi sobretudo na educação, impondo sua lógica conservadora aos estudantes, mantendo a obrigatoriedade de disciplinas como religião e agindo na censura de obras que afrontavam a lógica cristã.

Dito isso, é possível vislumbrar um Saramago que, mesmo sem uma iniciação direta aos dogmas católicos, a influência cultural e política que a Igreja sempre exerceu em Portugal contribuiu para formar este olhar crítico e cético a respeito da religião. Olhar este que perpassa por grande parte da sua obra ficcional e apresenta ao leitor as incoerências do discurso religioso.

Por fim, por mais que falemos de um ateu, há uma crença de Saramago na humanidade, em detrimento de um Deus que permeia sua composição ficcional. Especialmente nas composições satíricas ao cristianismo, que privilegiam o homem sobre Deus e não contrário, como salienta Marlise Vaz Bridi sobre sua análise a respeito da obra *O evangelho segundo Jesus Cristo*:

[...] evidente a inversão de perspectiva do Autor que opta pelo engrandecimento das coisas humanas. [...] Existe uma valorização ao homem comum, sem nome, sem história ou cuja história, por pouco grandiosa em seus feitos, é sistematicamente relegada ao esquecimento. Trata-se da sacralização (sem sacralidade institucional) da vida comum. (Bridi, 2022, p. 21)

3. A DESSACRALIZAÇÃO E A HUMANIZAÇÃO DA OBRA CAIM

Lançado em 2009, sendo a última obra publicada em vida de Saramago, a narrativa explora eventos do Antigo Testamento, satirizando e expondo problemáticas e diversos aspectos do discurso bíblico, além de incorporar elementos fantásticos, como a viagem no tempo realizada pelo protagonista.

O romance se inicia apresentando deus no momento da criação do casal edênico. Neste ato inicial o narrador nos apresenta o primeiro traço narcísico desta divindade, por não ter a quem culpar por seu erro de não dar capacidade de fala ao casal. Deus, nas palavras do narrador: “[...] teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia mais ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta” (Saramago, 2009, p. 9).

Após esta correção, a divindade deixa o casal viver na floresta do universo, com raras e breves aparições, como pontua o narrador:

[...] sem outras visitas que as do senhor, e mesmo essas pouquíssimas e breves, espaçadas por longos períodos de ausência, dez, quinze, vinte, cinquenta anos, imaginamos que pouco haverá faltado para que os solitários ocupantes do paraíso terrestre se vissem a si mesmos como uns pobres órfãos abandonados na floresta do universo. (Saramago, 2009, p. 11)

Nesse ponto, é interessante ressaltar o reconhecimento do narrador sobre o abandono que deus faz da sua criação, mas claro, canonicamente, ele é retratado como onipresente, logo, ele estaria convivendo com as personagens.

Dessa forma, desde as primeiras páginas, Saramago constrói uma divindade que se afasta radicalmente da imagem canônica de perfeição e benevolência. O criador apresentado em Caim é um ser atravessado por falhas humanas, ou seja, vaidoso, impulsivo e, sobretudo, ausente. A ironia do narrador evidencia o descompasso entre o poder absoluto atribuído à divindade e sua conduta emocionalmente instável, revelando uma espécie de divino humanizado, sujeito ao erro e à frustração. O abandono do casal edênico, descrito como um longo silêncio, rompe com a ideia de um Deus vigilante e amoroso e introduz uma dimensão de vazio que desloca o eixo da criação: o homem e a mulher passam a existir não sob a tutela constante do criador, mas sob o peso da ausência divina. Esse gesto narrativo marca o início do processo de dessacralização: é a partir dessa distância entre

criador e criatura que se abre o espaço para a liberdade, para a dúvida e, conseqüentemente, para a humanização que o romance desenvolverá ao longo de toda a narrativa.

Em seguida, o narrador deixa claro que a próxima aparição da divindade para o casal seria no momento da sua expulsão do jardim. Como na bíblia, Adão e Eva são retirados do Éden em razão de terem comido a maçã oferecida por uma serpente. O contraste sobre o evento do pecado original é o fato do narrador saramaguiano questionar e argumentar a falta de explicação do discurso canônico do evento, além das falhas, facilmente corrigíveis da divindade, deixando claro seu caráter errôneo:

Em primeiro lugar, mesmo a inteligência mais rudimentar não teria qualquer dificuldade em compreender que **estar informado sempre será preferível a desconhecer**, mormente em matérias tão delicadas como são estas do bem e do mal, nas quais qualquer um se arrisca, sem dar por isso, a uma condenação eterna num inferno que então ainda estava por inventar. Em segundo lugar, brada aos céus a imprevidência do senhor, que se realmente não queria que lhe comessem do tal fruto, remédio fácil teria, **bastaria não ter plantado a árvore, ou ir pô-la noutra sítio, ou rodeá-la por uma cerca de arame farpado**. (Saramago, 2009, p. 12-13. - grifos meus)

Nesse trecho, o narrador saramaguiano opera uma inversão da narrativa bíblica, deslocando o foco da culpa humana para a falha divina. A ironia presente na passagem evidencia um deus incoerente, cujas ações contradizem a suposta onisciência e perfeição que lhe são atribuídas pelas escrituras. Ao apontar a falta de lógica na proibição e na punição, já que conhecer o bem e o mal é, em essência, um passo em direção à consciência, o narrador desmonta o discurso canônico e expõe o caráter arbitrário da autoridade divina. Assim, o episódio do pecado original deixa de ser um marco da transgressão humana e passa a revelar as contradições do próprio criador. Saramago, por meio dessa ironia corrosiva, humaniza a figura divina e convida o leitor a fazer uma reflexão crítica sobre a tradição religiosa, onde o sagrado é confrontado pela razão e pela liberdade interpretativa.

Após a saída do Éden, deus incumbiu a Azael, um querubim, que ficasse de guarda na entrada do Jardim. Abandonados e sem as vantagens que o solo sagrado oferecia, Adão e Eva moram em uma caverna, ambos enfrentam a fome, o calor e são forçados a encontrar formas para sobreviver.

Esse deslocamento do paraíso para a terra concreta marca simbolicamente a transição da condição de criaturas protegidas para a de seres plenamente humanos,

sujeitos às limitações da existência. Longe do amparo divino, Adão e Eva experimentam, pela primeira vez, a autonomia e o peso da sobrevivência, dimensões que aproximam a narrativa saramaguiana da perspectiva existencialista. Nesse sentido, a ausência de Deus, que antes garantia ordem e sentido, abre espaço para a liberdade e para a responsabilidade diante da própria vida. Nesse novo cenário, o sofrimento e o trabalho não são apenas castigos, mas experiências fundadoras da humanidade. É na adversidade, e não na perfeição edênica, que o homem e a mulher começam a construir o significado de existir.

Mas, até para fins deste estudo, uma interação que destaca o fator humano sobre o divino é justamente a posição da personagem Eva, após a expulsão. Retratada como corajosa, racional e questionadora (característica presente em Caim durante a narrativa), confronta as duas personagens masculinas: Adão e o Querubim, o primeiro por sua passividade e covardia, como vemos neste diálogo:

[...] não vejo que problemas nos possam advir mais, o senhor já nos castigou expulsando-nos do jardim do éden, pior do que isto não imagino o que poderá ser [...] Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, teremos de o forçar a explicar-se, é a primeira coisa que deverá dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim, Estás louca, Melhor louca que medrosa [...]. (Saramago, 2009, p. 22)

Nesse diálogo, Saramago confere a Eva uma voz que rompe com a tradição de submissão feminina presente no relato bíblico. A personagem se mostra não apenas como companheira de Adão, mas como sujeito pensante, capaz de questionar a autoridade divina e de reivindicar o direito à compreensão da própria existência. Sua fala inaugura um gesto de insurgência racional e ética diante do mistério e do medo. Um gesto que antecipa, de certo modo, a postura de Caim ao longo da narrativa. Ao opor a coragem de Eva à passividade de Adão, o autor inverte o paradigma patriarcal do mito da criação e propõe uma releitura humanizadora, na qual o saber e a dúvida se tornam atos de resistência. Assim, Eva emerge como a primeira figura humanizada do texto: aquela que, ao recusar a obediência cega, afirma a liberdade e inaugura a consciência crítica diante de deus e do próprio destino humano.

Adiante, vemos o diálogo entre Eva e o querubim Azael, em que a mulher debate com o anjo, de forma insistente: “Que queres, perguntou outra vez o querubim, que pareceu não perceber que a reiteração iria ser interpretada como um sinal de fraqueza, Repito, tenho fome [...]” (Saramago, 2009, p. 24). Em seguida,

Eva apresenta sua condição precária de fome e diarreia e, ao final, vence (nas palavras do narrador) a batalha dialética. Convencido, o querubim traz frutas à moça no dia seguinte e afirma que não poderia deixar morrer de fome aqueles que foram criados por deus.

Nesse episódio, o processo de humanização é ampliado, ao transpor o conflito entre obediência e compaixão para o campo divino. Azael, ainda que anjo, é retratado em tensão com a autoridade de deus e com o próprio papel que lhe foi atribuído. Sua decisão de ceder à súplica de Eva não é apenas um gesto de piedade, mas um ato de consciência moral. Trata-se de um movimento que rompe a lógica da submissão cega e afirma a primazia da empatia sobre a hierarquia celestial. A “batalha dialética” vencida por Eva, portanto, não se limita à argumentação racional: ela simboliza a vitória da humanidade sobre a rigidez das leis divinas. Ao humanizar o querubim, Saramago desfaz a fronteira entre o sagrado e o humano, revelando que a bondade e a ética não estão garantidas pela origem divina, mas nascem da capacidade de reconhecer o sofrimento do outro. Assim, o autor inscreve tanto Eva quanto Azael no território da liberdade e da responsabilidade, reforçando a crítica à arbitrariedade de um Deus que pune sem razão e à fé que se sustenta na obediência, e não na compaixão.

Já nestas passagens iniciais (sem a aparição do protagonista) a obra saramaguiana deixa claro o fator humano sobrepondo ao divino – medo e covardia de Adão; o ato contrário do querubim a vontade do senhor; e a coragem e insatisfação de Eva com a condição a que estavam submetidos. Vale destacar que em ambos os trechos Eva assume uma postura contrária ao discurso original e a própria imposição de deus na narrativa “e não obstante sentirás atracção pelo teu homem, e ele mandará em ti” (Saramago, 2009, p. 18), ou seja, a personagem subverte o patriarcado imposto tanto na obra, como em seu discurso base, a Bíblia.

A narrativa avança, apresentando os filhos do casal edênico, os irmãos Caim e Abel, sendo o primeiro um agricultor e o segundo, um pastor. Assim como no discurso bíblico, chega-se ao ponto da arbitrariedade divina: a oferenda feita por cada irmão. Deus, por sua vez, rejeita a oferenda de Caim, mas aceita a do pastor, fomentando uma polarização injustificada e o ciúme entre os irmãos:

[...] mas o fumo dos vegetais de caim, cultivados com um amor pelo menos igual, não foi longe, dispersou-se logo ali, a pouca altura do solo, o que significava que o senhor o rejeitava sem qualquer contemplação [...]. Estava

claro, o senhor desdenhava caim. Foi então que o verdadeiro carácter de Abel veio ao de cima. Em lugar de se compadecer do desgosto do irmão e consolá-lo, escarneceu dele, e, como se isto ainda fosse pouco, desatou a enaltecer a sua própria pessoa. (Saramago, 2009, p. 33)

Quando colocado em contraste, tal decisão feita por Deus, não é justificada no discurso bíblico, em Gênesis é posto da seguinte maneira:

5. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente e descaiu-lhe o seu semblante.

6. E o SENHOR disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?

7. Se procederes bem, não haverá a aceitação para ti? Se não procederes bem, o pecado jaz à porta, e para ti será o seu desejo, e sobre ele dominarás. (BÍBLIA, 2008, Gênesis 4, 5-7)

Enquanto a passagem bíblica trabalha a questão da rejeição focada na responsabilidade e no mau procedimento de Caim, a narrativa saramaguiana preenche essa lacuna colocando em evidência a arbitrariedade do senhor e colocando sua decisão como um ato de injustiça. Na narrativa bíblica, a rejeição da oferta de Caim é apresentada como consequência direta de sua conduta moral. Deus, justo e onisciente, apenas responde à falha humana: Caim não teria agradado ao Senhor por não agir corretamente, e sua ira seria, portanto, fruto do próprio pecado. Há uma clara hierarquia entre o divino e o humano, em que a vontade de Deus é incontestável e a responsabilidade recai inteiramente sobre o homem. Já em *Caim*, essa estrutura é invertida. A infalibilidade da divindade é retirada e há a exposição da arbitrariedade de suas ações. O Senhor não rejeita a oferenda de Caim por qualquer motivo discernível, mas por capricho, e sua escolha se mostra desprovida de sentido ou justiça. Ao preencher a lacuna deixada pela narrativa bíblica, Saramago questiona a moral divina e transfere para Deus o peso da incoerência e do erro. Assim, enquanto o texto sagrado reafirma a submissão do homem diante da vontade divina, o romance propõe o contrário: a consciência humana se eleva ao perceber a injustiça e ao desafiar a autoridade. O gesto de Caim, nesse contexto, não é apenas um crime, mas um ato de lucidez diante de um Deus que se mostra tão humano em suas falhas quanto aqueles que criou.

Voltando à narrativa, assim como no texto bíblico, ao cometer o fratricídio em razão da decisão divina, Caim em seguida é confrontado pela entidade pelo seu ato em um diálogo repleto de afrontas:

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse a abel quando estava na tua mão evitado, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferta com humildade. (Saramago, 2009, p. 34)

Este é um dos diálogos cruciais da narrativa, especialmente no trecho “mas não de mim nem da minha liberdade”, sobre o fator da humanização defendido no existencialismo sartreano. Nesta confrontação, Caim exige ser reconhecido como um sujeito livre que, ao matar, assume a totalidade da sua responsabilidade e, ao mesmo tempo, exige que deus assuma sua responsabilidade como instigador. Ele quebra a hierarquia teológica e demonstra a tese de que a existência precede a essência. Caim se recusa a ser a "essência do mal" definida pela teologia e afirma sua liberdade radical ao julgar a ação da divindade, desafiando a própria onipotência ao questionar “E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste” (Saramago, 2009, p 20), assim Caim retira o criador do seu pedestal de perfeição moral.

Esse embate entre criatura e criador marca o ponto mais alto da inversão proposta por Saramago: a humanidade se volta contra o divino e o obriga a se olhar no espelho da própria contradição. Ao deslocar a culpa do plano moral para o plano existencial, o autor evidencia que o erro e a responsabilidade não pertencem apenas ao homem, mas fazem parte da própria estrutura da criação. Nesse sentido, Caim torna-se a voz da consciência humana diante de um deus que se revela limitado e incoerente. O diálogo, portanto, não é apenas um confronto ético, mas uma disputa por autonomia ontológica: Caim reivindica o direito de existir por si mesmo, sem depender da lógica impositiva de um criador que pune sem razão. Saramago, assim, transforma o mito bíblico em uma parábola da emancipação do homem diante do sagrado, em que a liberdade, ainda que trágica, é o verdadeiro fardo e também a maior conquista da condição humana.

Em contrapartida, o mesmo diálogo no texto base é posto da seguinte forma:

9. E disse o SENHOR a Caim: Onde está teu irmão Abel? E ele disse: Não sei; sou eu guardador do meu irmão?
10. E disse Deus: Que fizeste? A voz do a sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.
11. E agora a maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber

da tua mão o sangue do teu irmão.

12. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e errante serás na terra.

13 E disse Caim ao SENHOR: É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada.

14. Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e errante na terra, e acontecerá que todo aquele que me achar me matará.

15. O SENHOR, porém, disse-lhe: Portanto, qualquer que matar Caim sete vezes será castigado. E pôs o SENHOR um sinal em Caim, para que não o matasse qualquer que o achasse. (BÍBLIA, 2008, Gênesis 4, 9-15)

Nesse sentido, quando são colocadas essas duas passagens em contraste: o texto de Gênesis retrata Caim em um tom submisso subjugado diante de Deus. A fala bíblica – “É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada” (BÍBLIA, Gênesis 4, 13), demonstra a aceitação da culpa e o reconhecimento da autoridade e do julgamento divino, focando no lamento pela impossibilidade de perdão. O Caim bíblico aceita com passividade seu destino, opondo-se radicalmente ao Caim saramaguiano que, ao invés de buscar a misericórdia, afirma sua liberdade enquanto indivíduo, exigindo que o criador assuma sua parcela da responsabilidade.

Na releitura de Saramago, o gesto de Caim é carregado de reflexão e contestação. Ao contrário do texto bíblico, em que o personagem é silenciado pela culpa e pela punição, o Caim saramaguiano se recusa a ocupar o papel de pecador arrependido. Ele não se submete à lógica de um Deus juiz, mas enfrenta o criador com lucidez e ironia, desnudando a arbitrariedade de sua autoridade. Essa recusa em aceitar o destino imposto, marca o deslocamento da narrativa do campo da fé para o campo da consciência.

Ao inserir a voz de Caim como contraponto à de Deus, Saramago humaniza o conflito e questiona as estruturas de poder simbólico que sustentam a narrativa bíblica. O que antes era um ato de desobediência torna-se um ato de afirmação existencial. Caim passa a representar a condição humana em sua inteireza: errante, falível, mas consciente e livre. O sinal que Deus lhe impõe, que na Bíblia simboliza a maldição e o isolamento, ganha na leitura saramaguiana um novo significado, o de marca da experiência e da liberdade conquistada por meio da dor. Assim, o romance desloca o eixo da culpa para a responsabilidade, transformando o mito em um espelho da humanidade e da sua incessante busca por sentido diante do divino e do absurdo.

Porém em ambos os discursos, como punição, Caim é condenado a ser um errante, com uma marca na testa que o impede de morrer. Neste estágio, Caim vai

para as terras de Node (texto bíblico), ao oriente do Éden. Vale pontuar que o texto bíblico aponta que Caim vai para esta nova terra e forma família lá, sendo que este é o ponto em que sua aparição se encerra no livro de Gênesis.

José Saramago, por sua vez, reinventa seu destino. Na obra do autor português, Caim vai para a terra de Nod, governada por Lilith e seu marido. Lá, o protagonista incorpora o nome do irmão Abel, e tenta estabelecer uma nova vida como pisador de barro. Neste momento da narrativa, Lilith convoca o pisador para seus aposentos. A partir disso, é desenvolvido um romance entre ambos, que culmina em um filho².

Após sua passagem por Nod, Caim monta em seu burro e segue um novo destino incerto. Saramago, por sua vez, incorpora o elemento fantástico da obra: quando Caim realiza sua primeira progressão temporal a eventos do Antigo Testamento.

O primeiro episódio diegético que o protagonista errante se encontra é na tentativa de sacrifício de Isaac por seu pai Abraão, para que assim o pai possa provar sua devoção a Deus. Em poucas palavras, na obra saramaguiana, Caim intervém nesta ação no último instante, e não o anjo, em decorrência de um problema mecânico em sua asa direita. Contudo, vale ressaltar duas coisas: a interrupção proferida por Caim e seu diálogo com Abraão, bem como a perspectiva do narrador, que expõem abertamente sua posição diante da tentativa de homicídio. A obra é narrada em terceira pessoa, mas fala-se aqui de um narrador que se desfaz da onisciência tradicional. Sua perspectiva é intervencionista, pois não se esconde atrás de uma neutralidade, ele assume o quão absurda é a decisão divina e convida o leitor a ter uma nova percepção sobre as ações adotadas por deus:

Há uns três dias, não mais tarde, tinha ele dito a abraão, pai do rapazito que carrega às costas o molho de lenha, Leva contigo o teu único filho, isaac, a quem tanto queres, vai à região do monte mória e oferece-o em sacrifício a mim sobre um dos montes que eu te indicar. **O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho, com a maior simplicidade o fez, como quem pede um copo de água quando tem sede**, o que significa que era costume seu, e muito arraigado. **O lógico, o natural, o simplesmente humano** seria que abraão tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim. (Saramago, 2009, p. 79 - grifo meu)

² Para fins de pesquisa, não serão apresentados com maiores detalhes as passagens entre Caim e Lilith, pois a personagem feminina não aparece na Bíblia, fugindo do escopo comparativo deste trabalho. No entanto, trata-se de uma personagem central na narrativa saramaguiana.

Ao usar termos como “lógico”, “natural” e “simplesmente humano”, o narrador estabelece um padrão de moralidade baseado na razão humana, colocando-se em oposição direta à moralidade baseada na fé cega e na obediência divina que ele considera ilógica.

Essa postura do narrador é um dos elementos mais subversivos da narrativa de Saramago. Ao romper com a neutralidade e com o tom reverente típico das narrativas sagradas, ele se posiciona ao lado do leitor, como alguém que também observa com espanto e indignação as ações divinas. O narrador saramaguiano não se limita a relatar; ele interpreta, questiona e ironiza. Esse gesto retórico desmonta o aparato da autoridade divina e transforma o ato de narrar em um exercício de resistência. A linguagem coloquial, marcada por expressões como “mandado o senhor à merda”, é parte desse movimento de dessacralização: ela retira Deus do campo do intocável e o coloca na esfera do cotidiano, onde suas ações podem ser julgadas sob o crivo da ética humana.

Além disso, o narrador assume uma função filosófica, conduzindo o leitor a refletir sobre o absurdo da obediência incondicional. Quando ele afirma que o “simplesmente humano” seria Abraão recusar-se a sacrificar o filho, está invertendo a lógica do mito bíblico, que exalta a fé cega como virtude. Em *Caim*, essa fé se converte em alienação. Abraão não é mais o modelo de obediência, mas um exemplo trágico de submissão diante de um poder arbitrário. O narrador, ao intervir e ironizar a cena, nos convida a reavaliar o que, afinal, deve ser considerado sagrado: a voz de deus ou a vida humana.

Essa escolha narrativa revela o projeto humanista de Saramago. Deus pode ser onipotente, mas o narrador, com sua ironia e lucidez, é onisciente na humanidade. Ele ocupa o espaço da consciência moral que falta às figuras divinas e bíblicas. O resultado é uma narrativa em que o sagrado se torna objeto de questionamento e o humano, com todas as suas contradições, emerge como medida de valor.

Assim, a cena de Abraão e Isaac reinterpretada pelo narrador saramaguiano, não é apenas uma paródia do texto bíblico, mas um manifesto ético. Saramago desmonta a lógica do sacrifício e a transforma em símbolo da necessidade de pensar antes de obedecer. A fé, nesse contexto, deixa de ser virtude e passa a ser um risco. O “simplesmente humano” torna-se a medida de justiça, e a literatura, o espaço em que o homem recupera o direito de interrogar até mesmo o divino.

Caim, o errante viajante do tempo, intervém ao homicídio, que é uma ironia direta com o texto bíblico, em razão de tratar o primeiro assassino da bíblia como um salvador. No momento da interrupção, o protagonista questiona o pai de Isaac sobre a razão de tentar matar o menino: “Que vai você fazer, velho malvado, matar o seu próprio filho, queimá-lo, é outra vez a mesma história, começa-se por um cordeiro e acaba-se por assassinar aquele a quem mais se deveria amar” (Saramago, 2009, p. 79). Nesta passagem, o leitor pode inferir que Caim se refere ao assassinato do irmão Abel.

Quando é analisado o texto base, ou seja, a Bíblia em Gênesis 22, em que há apenas a intromissão do anjo impedindo sacrifício, o contraste com a narrativa saramaguiana é evidente uma vez que a narrativa canônica constrói toda a ação em torno de um teste de fé.

Em Gênesis, Abraão segue a ordem divina sem questionar. A tensão é resolvida pela intervenção direta do Anjo do Senhor, que confirma a virtude do patriarca: “Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho” (Bíblia, 2008, Gênesis, 22, 12). O episódio termina com a recompensa pela obediência cega “esteja certo de que o abençoarei” (v. 17). O binarismo aqui é claro: a obediência a Deus é o bem, e Abraão é recompensado por ela. Saramago inverte completamente essa lógica, transformando o episódio que, na tradição bíblica, representa o ápice da fé em um retrato do absurdo moral. Na Bíblia, a obediência de Abraão é o símbolo máximo da devoção, e o ato de estar disposto a sacrificar o próprio filho é apresentado como virtude, não como crueldade. O texto sagrado não questiona a ordem divina nem o sofrimento humano envolvido; pelo contrário, o sofrimento é o instrumento da prova, e a fé, a justificativa suficiente para a violência. Em *Caim*, no entanto, o autor desmonta esse raciocínio: o sacrifício, longe de ser sagrado, torna-se um ato monstruoso legitimado pela fé. A intervenção de Caim funciona como uma correção ética, um gesto de humanidade que se sobrepõe à lógica divina.

Ao interpelar Abraão, Caim não apenas salva Isaac, mas denuncia o caráter irracional da fé que exige a destruição do amor e da vida como prova de fidelidade. A ironia saramaguiana é contundente: aquele que foi condenado por deus como assassino é o único capaz de impedir um assassinato em nome de deus. O contraste entre as duas narrativas revela o deslocamento do eixo moral. Na bíblia, a obediência é exaltada como virtude; em Saramago, ela é criticada como submissão. O herói deixa de ser aquele que obedece e passa a ser aquele que pensa, que

duvida, que questiona.

Mas voltando ao nosso Odisseu saramaguiano, os próximos eventos do Antigo Testamento que a personagem visita são os episódios da Torre de Babel, dando sequência a destruição de Sodoma e Gomorra e aos eventos de Moisés no Monte Sinai e aos acontecimentos que envolvem Jó.

A Torre de Babel é uma história originalmente encontrada no em Gênesis 11, que nos apresenta a humanidade unida por uma “uma mesma língua e de uma mesma fala” (como apresentado no primeiro versículo) e preparada para construir uma torre que chegue até os céus. O senhor vê que tal ação é um desafio à sua autoridade: “não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer” (v. 6), assim Deus intervém e confunde as línguas das pessoas.

Já na representação de Saramago, Caim observa tal ação a partir do caos e uma algazarra da humanidade. Após se tentar construir uma torre para chegar ao céu, as pessoas têm suas línguas confundidas. Na releitura de Saramago, esse não é um ato de justiça, mas de insegurança divina. O protagonista faz o seguinte diagnóstico da divindade: “O ciúme é o seu grande defeito, em vez de ficar orgulhoso dos filhos que tem, preferiu dar a voz a inveja, está claro que o senhor não suporta ver uma pessoa feliz” (Saramago, 2009, p. 86), nesse sentido Caim define tal ação de Jeová como um produto de humanização negativa de deus, com sentimentos como inveja e ciúmes.

Na narrativa bíblica, a história da Torre de Babel funciona como uma explicação mítica para a diversidade linguística e cultural da humanidade, mas também como uma advertência moral contra o orgulho humano. A construção da torre é interpretada como uma tentativa de usurpar o lugar de Deus, e a confusão das línguas, como punição divina para conter a soberba. O texto sagrado reafirma a hierarquia entre o Criador e a criatura e consolida a ideia de que qualquer avanço humano que ameace o domínio divino deve ser interrompido. Em *Caim*, porém, Saramago desmonta essa leitura. O episódio deixa de ser um exemplo de justiça e passa a ser um retrato da fragilidade e da insegurança de deus diante da autonomia humana. A intervenção divina não é um gesto de sabedoria, mas de medo — medo de perder o controle sobre uma humanidade que começa a pensar e a criar por conta própria.

O comentário de Caim, ao diagnosticar o “ciúme” e a “inveja” de deus, revela mais do que ironia: ele explicita a inversão fundamental da narrativa saramaguiana. O criador, que na bíblia é o símbolo da perfeição e da autoridade incontestável, surge em Saramago como um ser vulnerável, tomado por emoções humanas e mesquinhas. Ao conferir a deus sentimentos como inveja e vaidade, o autor o humaniza negativamente, desmascarando o poder divino como projeção das contradições humanas. Essa leitura desloca o centro da moralidade da figura de deus para o olhar crítico de Caim, o verdadeiro intérprete do absurdo e da incoerência divina. Assim, o episódio da Torre de Babel, em *Caim*, deixa de ser um mito de punição e passa a ser um espelho do despotismo divino e da coragem humana de resistir à opressão.

Com essa reinterpretação, Saramago não apenas questiona a autoridade de Deus, mas também propõe uma nova compreensão do próprio mito da criação. A multiplicidade das línguas, vista na bíblia como castigo, transforma-se em símbolo da diversidade humana e da liberdade de pensamento. A confusão imposta por Deus é, paradoxalmente, o que liberta os homens de uma unidade forçada, marcada pela obediência. O caos das vozes, tão criticado na narrativa sagrada, torna-se em Saramago a metáfora da pluralidade. Desse modo, o autor subverte o castigo em criação, a punição em emancipação, e mostra que o que Deus chama de desordem é, na verdade, o início da liberdade humana de pensar, falar e construir seu próprio caminho.

Mais adiante, Caim é transportado para os episódios do Gênesis 18 e 19 do Antigo Testamento sobre Sodoma. Neste ponto, nosso protagonista atua como um observador cético, pois ele testemunha a negociação entre Abraão e deus. O homem pede a deus que se houvesse inocentes naquela cidade que eles fossem poupados. O protagonista, por sua vez, compreende que: “O senhor não precisa fazer um escrutínio desses, ele só precisa olhar a cidade lá de cima e ver o que lá se passa [...] existam inocentes ou não, sodoma será destruída” (Saramago. 2009, p. 94). Ou seja, Caim é cético em relação a Abraão (que tem fé de que deus poupará os inocentes) e o protagonista compreende a arbitrariedade das ações divinas.

Assim como em Gênesis 19, Deus provoca sua chuva de enxofre sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, queimando todos os moradores que haviam ali, sem exceção. Após o evento, Caim dialoga com Abraão e enfatiza um questionamento sobre as crianças que moravam nas cidades:

Penso que havia inocentes em Sodoma e nas outras que foram queimadas, Se os houvesse, o senhor teria cumprido a promessa que me fez detalhes poupar a vida, As crianças, disse Caim, aquelas pobres crianças estavam inocentes, Meu deus, murmurou Abraão e a sua voz foi como um gemido, Sim, será o teu deus, mas não foi o delas. (Saramago, 2009, p. 97)

Neste diálogo, Caim rompe com a polaridade de culpado/inocente que Abraão tentou preservar na sua negociação com a divindade. Porém, ao introduzir a figura das "crianças" — um símbolo de inocência que anula a ideia de "pecado" —, Caim expõe a falência da "justiça" divina. Além disso, essa passagem sintetiza o processo de dessacralização. Aqui, a figura divina é exposta na sua forma mais cruel e contraditória: a de um Deus que se apresenta como justo, mas cuja justiça é seletiva e violenta. A fala de Caim expõe a incoerência moral da divindade bíblica ao lembrar que, em Sodoma, não foram apenas os culpados que pereceram, mas também as crianças. Ao afirmar “Sim, será o teu deus, mas não foi o delas”, o protagonista retira esse deus o estatuto de universalidade e o transforma em uma entidade parcial, que pertence a alguns e abandona outros.

Esse momento é um golpe direto na sacralidade do discurso religioso, pois o deus de Saramago já não é o criador benevolente, mas uma figura humana em suas falhas, capaz de ira, de descuido e de injustiça. A divindade deixa de ser o centro moral do universo e passa a ser questionada pelo olhar ético do homem. Caim, ao recusar a lógica do “tudo é vontade de deus”, reivindica a compaixão como valor verdadeiramente humano, superior à fé que legitima a violência.

O próximo destino do protagonista é o Monte Sinai, onde há o episódio de adoração a um bezerro de ouro. Neste evento, a narrativa saramaguiana foca menos no "pecado" da idolatria ao bezerro e mais na desproporcionalidade da retaliação e crueldade divina. Nesta passagem, Caim vê que Moisés agiu a partir das ordens de deus, que ordena à tribo de Levi que massacre "o irmão, o amigo, o vizinho", resultando na morte de cerca de três mil homens. Aqui Caim aponta sobre sua própria punição pela morte de um homem, em comparação com a impunidade de deus por milhares: "Eu não fiz mais que matar um irmão e o senhor castigou-me, quero ver agora quem vai castigar o senhor por estas mortes". (Saramago, 2009, p. 101)

A jornada de Caim continua ao se juntar ao exército de Josué, onde testemunha a conquista de Jericó. A narrativa foca, novamente, na desproporcionalidade do massacre ordenado por deus: “Destruíram tudo o que

havia, matando à espada homens e mulheres, novos e velhos, e também os bois, as ovelhas e os jumentos” (Saramago, 2009, p.111). Este é um episódio que deixa claro a falência da “justiça” divina, entretanto é na passagem seguinte que a crítica é selada. Logo após o massacre, Caim se depara com o absurdo do que presencia: uma carnificina legitimada pela fé e pela obediência cega a uma voz que se autoproclama justa. O narrador, com sua ironia habitual, não poupa o leitor do contraste entre o discurso religioso de “vitória sagrada” e o cenário de destruição que se estende diante dos olhos de Caim. Ao observar a morte indiscriminada de homens, mulheres, crianças e animais, o protagonista compreende que a violência divina não distingue o justo do pecador. Ela é absoluta, e justamente por isso, profundamente injusta. A divindade reaparece aqui como um comandante sanguinário, um senhor da guerra que exige adoração em troca de obediência e morte.

Após uma derrota militar do exército dos Israelitas, deus revela que a culpa é de um único homem, Acan, que roubou os instrumentos de guerra. Sua punição, no entanto, é o apedrejamento e que fosse queimado tudo o que lhe pertencia: família e bens, o que incluía seus filhos e filhas. Neste momento, o assassino original toma sua decisão de abandonar o exército, pontuando que já não aguentava ver tantos mortos na sua frente. Esta decisão enfatiza a consciência humanista da narrativa, pois rejeita a crueldade da obediência cega que justifica o assassinato de inocentes em nome de Deus.

A próxima viagem tempo-espacial de Caim é de volta para Nod, onde ele vê Litith mais velha, como se tivessem passado anos, e o errante conhece seu filho Noah³.

Após a saída de Nod, Caim é transportado para a entrada de uma nova cidade chamada de Us. O protagonista busca emprego nesta nova terra com o homem mais rico deste território, Job. Ele consegue tal informação de dois homens que, coincidentemente, são dois anjos que vagavam por aquela terra. Os anjos o levaram até a casa de Job e no trajeto, as criaturas etéreas confessam a ele que deus e Satã fizeram uma espécie de “aposta” sobre até onde vai a fé de Job, a divindade permitiu que Satã destruísse a família e os bens do homem.

Como se apresenta no discurso base presente no Livro de Jó do Antigo

³ Tal passagem não entra no locus central deste estudo, então para facilitar a compreensão a respeito da obra será apresentada apenas uma versão resumida.

Testamento, Jó ou às vezes grafado como Job, foi um profeta descendente de quinto grau de Abraão e é comumente conhecido como um homem de integridade com uma fé inabalável.

Nosso protagonista torna-se mensageiro de Job que, ironicamente, traz as notícias das desgraças que ocorrem com o homem, como a morte dos seus filhos por um furacão e a perda de seus bens. Mas o ápice dessa passagem de Caim está na lucidez da mulher de Job quando alega: “o mais certo é que satã não seja mais que um instrumento do senhor, o encarregado de levar a cabo os trabalhos sujos que deus não pode assinar com seu nome” (Saramago, 2009, p.140). Saramago incorpora na voz da mulher de Job a anulação verbal do maniqueísmo religioso entre bem e mal. Tal fala dessacraliza Deus de forma definitiva, expondo que não há polaridade, apenas cumplicidade: deus e satã não são opostos, mas parceiros em um “acordo”, no qual Satã atua como o executor da crueldade de deus. Enquanto no livro de Jó esta personagem é reduzida a uma “doida” (Bíblia, 2008, Livro de Jó 2, 9-10) pelo marido, por pedir que ele amaldiçoe Deus.

Nesse momento, há a subversão da lógica do sofrimento como prova de fé, tão central na narrativa bíblica. Ao dar voz e razão à mulher de Job, há o resgate de uma figura silenciada no texto canônico. Ela é transformada em símbolo de lucidez diante da arbitrariedade divina. A fala dessa mulher, que na bíblia é censurada e ridicularizada, ganha em Caim um tom de denúncia ética. Ela enxerga o que os outros personagens se recusam a ver, isto é, que a dor humana não é consequência de um plano divino incompreensível, mas produto direto da indiferença e da crueldade de um deus que experimenta com a vida de seus fiéis.

Na última viagem, Caim é transportado para um local em que vê oito pessoas construindo o que parece ser uma Arca. Deus aparece para orientar o construtor da barca e ali se instaura o segundo debate entre Caim e deus. Neste instante, nosso protagonista questiona as decisões da divindade, especialmente, no que testemunhará no caso de Job.

Deus defende a sua aposta com satã a partir de uma lógica fria, ao afirmar que Job já foi compensado em dobro, pois “agora tem catorze mil ovelhas” (Saramago, 2009, p.149). E, quando Caim questiona sobre os dez filhos mortos, tem a resposta de que foram “Um por menor a que não há que dar demasiada importância, terá outros dez filhos, para substituir os que perdeu, Da mesma maneira que rebanhos” (Saramago, 2009, p.149). Aqui vislumbramos com maior

clareza o desprezo do deus saramaguiano por sua criação, ao não dar importância aos filhos mortos de Job, e tratá-los como substituíveis. Ao reduzi-los à condição de bens materiais, deus desmonta qualquer resquício de compaixão divina e evidencia a lógica de poder que rege sua relação com os homens. A vida, nesse contexto, perde seu caráter sagrado e se torna mera peça de uma engrenagem arbitrária, em que o sofrimento serve apenas para reafirmar a autoridade do criador. Caim, ao confrontar essa lógica, não só desmascara a crueldade de deus, mas reafirma a sua própria humanidade.

Em seguida, Deus revela seu novo plano à Noé sobre o dilúvio que em Gênesis, capítulo 6 se apresenta da seguinte forma:

5. E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.
6. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração.
7. E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.
8. Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor. (Bíblia, 2008, Gênesis 6, v. 5-6)

Na obra saramaguiana, deus repete quase o mesmo discurso, justificando o genocídio de forma idêntica: “A terra está completamente corrompida e cheia de violências [...] arrependo-me de ter criado o homem [...] vou exterminá-los, assim como à terra” (Saramago, 2009, p. 151). Não vemos uma grande distinção entre os dois textos – apenas que na versão de Saramago, é deixado mais explícito o sentimento de descontentamento da divindade – mesmo deus ditando seu plano de extermínio o qual Noé aceita de bom grado e sem contestar. Mas nesta passagem o fator humano é Caim, pois logo após este diálogo ele expõe que o plano é equivocado, alegando através de princípios científicos que o local de construção do barco não funcionaria, como vemos abaixo:

Os teus cálculos estão errados, um barco deve ser construído junto à água, não num vale rodeado de montanhas [...] talvez não saibas que os barcos flutuam porque todo o corpo submerso num fluido experimenta um impulso vertical e para cima igual ao peso do volume do fluido deslocado, é o princípio de Arquimedes. (Saramago, 2009, p. 152)

Neste ponto, Caim faz uma dessacralização intelectual de Deus, forçando até seu seguidor leal, Noé, concordasse com o protagonista. Mesmo contrariado, deus

propõe a solução de que os anjos operários levassem a arca até os mares. Em sequência, deus pede a Noé que Caim vá junto na Arca para que tenha mais pessoas para povoar a terra.

Este episódio merece um destaque, pois expõe a tese central deste trabalho, o que José Saramago faz aqui é justamente utilizar da humanização como uma forma de ironizar o texto canônico, uma vez que ele se sustenta na oposição polarizada de um Deus perfeito e uma humanidade errônea. Saramago destrói essa dicotomia ao humanizar ambas as figuras em direções opostas: o Deus canônico é humanizado em seus aspectos falhos, não só moralmente (como no sadismo da sua aposta com Satã sobre Job), mas também intelectualmente uma vez que é corrigido pela ciência humana; e Caim, canonicamente mal (primeiro assassino da humanidade) é humanizado como o portador da lógica e mais íntegro ao se importar com as vítimas de Deus.

O clímax da narrativa chega após estarem os nove integrantes da Arca e todos os animais em segurança. A vida na Arca pode ser descrita como grotesca: o local era fétido com toneladas de excrementos. Nesse cenário, a primeira morte ocorre: a mulher de Cam, que escorregou e caiu e, em seguida, foi esmagada por um elefante. Quando Noé é informado, ele ordena que o corpo seja lançado ao mar e afirma que: “Vai ter muita água para se lavar” (Saramago, 2009, p. 165). Aqui o narrador informa ao leitor que “caim irá odiá-lo de morte” (Saramago, 2009, p. 165). Neste instante surge uma motivação do protagonista com o projeto da nova humanidade planejada por deus.

Eis que Caim começa a eliminar a família de Noé: ele empurra Cam para o mar; depois Jafet; depois a própria mulher de Noé. Por fim, Caim mata Sem e as noras restantes. Quando Noé se dá conta que está sem sua família, o personagem entra em desespero: “tudo está perdido, sem mulheres que fecundem não haverá vida nem humanidade [...] Com que cara irei eu comparecer diante do senhor” (Saramago, 2009, p. 171). Ao final do seu clamor Caim dá a ordem final: “Deita-te daqui abaixo [...] de deus encarrego-me eu” (Saramago, 2009, p. 171). Noé obedeceu e em seguida cometeu suicídio.

No dia seguinte, deus chama por Noé. Caim aparece sozinho, e eis que acontece o diálogo final:

Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, respondeu caim [...] Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros

matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto [...] Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face [...] Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de sodoma. (SARAMAGO, 2009, p.172)⁴

O ato final mostra que, ao exterminar a possível nova humanidade escolhida por deus, Caim frustra o projeto do Criador. O confronto final, onde Caim acusa deus de ser o assassino superior em "Não tão malvado e infame como tu" é a ruptura definitiva do binarismo maniqueísta. O "mal" (Caim) julga o "bem" (deus) e o condena por sua crueldade contra os inocentes, especialmente no caso das crianças de Sodoma, estabelecendo uma nova visão da dialética.

Esta visão é crucial na lógica da narrativa e até para este estudo, uma vez que supera a simples inversão de Caim ser o "novo bem". A jornada do protagonista funciona como a antítese à tese da polarização do texto canônico (Deus=Bem / Caim=Mal). Mas o resultado não é uma vitória do Mal sobre o Bem e sim a síntese: a anulação dos pólos como categorias morais absolutas. Saramago demonstra que o "Bem" divino, quando levado à sua conclusão lógica (o dilúvio, o massacre de Sodoma, a aposta de Job) é indistinguível do "Mal".

Então, quando Caim frustra o projeto divino, ele coloca em xeque a abolição da polarização. Este ato é a aplicação do princípio sartreano: ao retirar a essência moral imposta por Deus, Caim demonstra que a existência se sobrepõe à essência. O personagem estabelece uma moralidade humanista que é naturalmente imperfeita e complexa, mas que é pautada na razão e compaixão (ao lembrar das crianças de sodoma, por exemplo), criando uma alternativa para burlar às narrativas binárias como o Bem e o Mal.

⁴ Este capítulo final é sobre o massacre dentro da Arca e se trata de uma criação original de Saramago. Ele se distancia da narrativa bíblica (Gênesis 8 e 9) que descreve a sobrevivência de Noé e sua família. Por não se tratar de uma paródia direta de um evento canônico, mas sim da consequência ficcional dos eventos anteriores, a análise comparativa direta com a Bíblia não se aprofunda aqui.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado nesta análise, o plano metafórico incorporado na obra Caim atua como um mecanismo de quebra. Ao dessacralizar figuras canônicas e humanizá-las em sua complexidade, José Saramago dismantela a estrutura do pensamento maniqueísta. Em um plano literário, na representação do autor português, onde temos um 'Deus' falho e o 'Caim' questionador, anulam-se os pólos de Bem e Mal, força-se o leitor a abandonar a visão binária e a adotar uma perspectiva dialética onde a responsabilidade e a ética humana, e não o dogma, são o centro.

A necessidade deste estudo reside precisamente em trazer a análise do plano metafórico para questões da contemporaneidade. A motivação inicial desta pesquisa partiu da observação da sistemática desumanização do povo palestino em Gaza. No contexto brasileiro, notou-se como o debate público sobre o que se configura como um genocídio banalizado e a céu aberto, vitimando uma das maiores populações infantis do mundo, foi tragicamente reduzido a uma questão polarizada de “esquerda” contra “direita”.

O que se testemunhou foi precisamente a falta de uma visão dialética que a obra saramaguiana combate. Ao ser enquadrado neste binarismo político simplista, o conflito sofreu um duplo apagamento: primeiro, o da complexidade histórica e política presente na região de Gaza; segundo, e mais grave, o apagamento da própria humanidade das vítimas. Elas deixaram de ser vistas como sujeitos e foram reduzidas a uma "essência", ou seja, um dano colateral do combate ao terrorismo, pensando em vidas civis reduzidas a peões em um tabuleiro ideológico.

A lógica do romancista português consiste em nos tirar do dogma enviesado para nos jogar na existência concreta e exige que olhemos para as "crianças de Sodoma", como Caim o fez. Pois através desta lógica, somos obrigados a confrontar a falência moral de um 'Bem' (seja ele divino ou político) que justifica o massacre de inocentes.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso buscou demonstrar que a humanização, utilizada por Saramago como método em seu plano ficcional, é um antídoto contra a desumanização promovida pelos discursos polarizados. Contudo, é preciso apontar que este estudo abre um caminho fértil para uma pesquisa futura, onde possa se investigar a fundo como a Literatura pode atuar na desconstrução de

narrativas polarizadas que assolam a contemporaneidade e simplificam complexidades históricas, sociais e humanas.

REFERÊNCIAS

- ADEUS Saramago. *Esquerda*. 18 jun. 2010. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/adeus-saramago>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução Versão Católica. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em: 26 out. 2025.
- BRIDI, Marlise Vaz. *O evangelho de Saramago: a paixão de Cristo em perspectiva*. In: LOPONDO, Lilian. *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/AntonioCandidoLiteraturaESociedade/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- CARVALHO, Bruna. *O papel da Igreja Católica na legitimação do Estado Novo salazarista*. Orientador: Professor Doutor Pedro Miguel Tereso Magalhães. 2024. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade do Minho, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/entities/publication/0c5461b4-6bbb-4b91-bdd0-996f5e832b08>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. 144 p.
- _____. *O sagrado e o profano*. 1ª. ed. rev. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992. 109 p.
- FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. 2ª. ed. Blumenau: Edifurb, 2012. 261 p.
- FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO (Portugal) (org.). *José Saramago Biografia*. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/biografia/>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- LIVRARIA DA FOLHA (São Paulo). *Saramago tem de renunciar à cidadania portuguesa, diz deputado*. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 1, 20 out. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u640738.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- S/autor. *José Saramago fala sobre sua saída de Portugal*. São Paulo: Jornal Uol, 2008. Son., color. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/?id=jose-saramago-fala-sobre-sua-saida-de-portugal-0402306EC4C93326>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- REIS, Carlos. *Diálogos com Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.
- SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 1ª reimp. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____, José. *Levantado do chão*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

_____, José. *Memorial do convento*. 11a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção "Os Pensadores".